

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA
CAMPUS SÃO BORJA**

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GASTRONOMIA

MARCIA RAMBO KUNZLER

**A FEIRA DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR EM SÃO BORJA: VISIBILIDADE E
APOIO INSTITUCIONAL**

**Artigo apresentado como requisito parcial
para aprovação na disciplina de TCC I, do
Curso Superior de Tecnologia em
Gastronomia, do Instituto Federal
Farroupilha – Campus São Borja.**

Orientadora: Titular Luciana Maroñas Monks

**SÃO BORJA
2024**

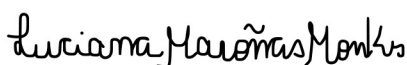
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA – CAMPUS SÃO BORJA

A orientadora, Professora Titular Luciana Maroñas Monks e a aluna Marcia Rambo Kunzler, abaixo assinados, certificam-se do teor do Artigo produzido na disciplina de TCC I, do Curso Superior de Tecnologia em Gastronomia, do Instituto Federal Farroupilha.

Como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.



Marcia Rambo Kunzler



Professora: Titular Luciana Maroñas Monks

A FEIRA DA AGROINDÚSTRIA FAMILIAR EM SÃO BORJA: VISIBILIDADE, E APOIO INSTITUCIONAL

RESUMO: A agricultura familiar é voltada para a produção de alimentos destinados ao mercado interno e utiliza recursos e mão de obra familiar. Este estudo analisou a importância da agroindústria na agricultura familiar, seus benefícios para a economia local e como contribui para a valorização dos produtos gerados. O objetivo principal foi mapear as feiras de São Borja, identificando os bairros onde estão localizadas, seu funcionamento, os produtos ofertados e as dificuldades enfrentadas pelos feirantes. Também foram investigadas as expectativas dos feirantes em relação aos órgãos públicos e os apoios recebidos dessas entidades, além da conformidade dos produtos com as normas legais para comercialização. A pesquisa revelou que, embora existam feiras legalizadas amparadas por lei municipal, ainda há um número significativo de feirantes informais. Além disso, a região apresenta pouca cultura de frequentar feiras, e os feirantes oferecem uma limitada variedade de frutas, enfrentando grande concorrência de grandes mercados com preços mais baixos, ainda que com produtos de qualidade inferior. Embora haja apoio de alguns órgãos públicos, o grande desafio para a permanência das feiras está na falta de infraestrutura e selos de qualidade, o que dificulta a visibilidade dessas feiras.

Palavras-chave: Feirantes. Políticas públicas. Agricultura Familiar.

INTRODUÇÃO

A agroindústria familiar, reconhecida como um dos pilares da economia rural brasileira, representa uma extensão da agricultura familiar ao agregar valor aos produtos por meio do processamento e comercialização. Este trabalho focou na visibilidade da Feira da Agroindústria Familiar de São Borja, investigando sua relevância no fortalecimento econômico, social e ambiental da região. A problemática que guiou este estudo partiu do questionamento: A cidade de São Borja conhece os produtos da feira da agroindústria familiar? Tal indagação revelou a necessidade de mapear e compreender a dinâmica dessas feiras no município.

A justificativa para a escolha deste tema está intrinsecamente relacionada à relevância da agricultura familiar como promotora da economia local e da sustentabilidade alimentar. Além disso, esta pesquisa também buscou conscientizar a população sobre a importância de fortalecer a produção e o consumo de produtos locais, valorizando práticas que contribuam para a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável. Também tem a motivação pessoal da autora, que cresceu em um ambiente agrícola, onde observou, em primeira mão, os

desafios e a importância da renda agrícola para a subsistência de famílias que, como a sua, dependiam dessa atividade.

Nesse sentido, Mior (2004, p. 178) define a agroindústria familiar rural como uma organização familiar que visa a produção e transformação de produtos agrícolas e/ou pecuários, com foco na comercialização e na geração de renda. Além disso, para Gomes (2018) a agroindústria familiar origina-se na tradição colonial de processamento de alimentos destinados ao consumo familiar, seja imediato ou como forma de preservação para consumo na entre safra.

O objetivo geral foi mapear e descrever as feiras da agroindústria familiar na cidade de São Borja. Quanto aos objetivos específicos foram: verificar os locais de venda dos produtos provenientes da agroindústria familiar; investigar as fontes dos insumos oferecidos nas feiras; e averiguar a preocupação com a sustentabilidade no cultivo desses insumos.

A estrutura deste trabalho foi organizada em 5 tópicos iniciando por esta introdução, após apresenta-se o referencial teórico, que discute os principais conceitos relacionados à agricultura e à agroindústria familiar, a metodologia adotada, em sequência os resultados e discussão e por fim o trabalho é concluído com as considerações finais, seguidas das referências que embasaram este estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A agricultura familiar e agricultura familiar no Brasil

Segundo Altafin (2007) a definição de agricultura familiar no Brasil, tem várias definições mas pode-se citar duas vertentes principais uma que vê a agricultura familiar moderna ,como nova categoria que foi surgindo através da transformação da sociedade capitalista ,já a outra tem como a agricultura familiar um conceito de evolução,através de raízes históricas.

No contexto brasileiro, Schneider; Cassol (2013) destacam que, nos últimos anos, houve avanços significativos na definição e compreensão das características do grupo social formado pelos pequenos proprietários de terra. Esses proprietários utilizam a força de trabalho de seus familiares para produzir, tanto para consumo próprio quanto para comercialização, geralmente em pequenas comunidades rurais.

De acordo com Denardi (2000), os estabelecimentos familiares desempenham um papel duplo, funcionando como unidades de produção e consumo. Além disso, são

fundamentais para a reprodução social, o que reafirma sua importância na dinâmica da economia local e nacional.

Altafin (2007) complementa esse entendimento, afirmando que, na agricultura familiar, não existe uma separação entre gestão e trabalho. Ambos são responsabilidades do produtor e de sua família. Mesmo quando há necessidade de contratar mão de obra externa, essa contratação tem o intuito de complementar, e não substituir, a força de trabalho familiar.

Schneider; Cassol (2013) também destacam a mudança nas representações dos camponeses e agricultores familiares, com ênfase no reconhecimento de sua grande diversidade econômica e heterogeneidade social. Essa categoria social, longe de ser homogênea, sempre apresentou uma realidade multifacetada, o que se reflete na complexidade das condições de vida e trabalho no campo.

Martins (1986) ressalta que no contexto de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Paraná, o homem rural é conhecido como roceiro ou caipira e no nordeste denomina-se "tabaré". Esses termos possuem um duplo sentido, sendo frequentemente associado a uma visão depreciativa, que retrata os agricultores como inferiores, atrasados e ingênuos. O autor critica a historiografia tradicional brasileira, que raramente reconhece o papel fundamental dos produtores de alimentos na construção do país.

Aqui no Sul, conforme relata Calvi (2015), a influência da colonização europeia, especialmente de descendentes de alemães e italianos ligados à agricultura, deu origem ao termo "colono". Esse termo é utilizado até hoje para se referir a todos os agricultores da região, independentemente de sua ascendência.

Já Martins (1986) destaca que a maioria dos livros de História do Brasil registra os acontecimentos sob a perspectiva dos senhores e generais, excluindo o camponês da narrativa histórica. Quando mencionado, ele é tratado como figura secundária, sem uma categoria própria, e frequentemente retratado como não essencial, apesar de seu papel fundamental em todas as atividades produtivas. A ênfase, segundo o autor, recai apenas sobre a classe dominante.

Dados do IBGE (2023), mostram que a agricultura familiar constitui a maior parte dos estabelecimentos rurais no Brasil, representando 77% do total, embora ocupe apenas 23% da área agrícola nacional, cerca de 80,89 milhões de hectares. Diferentemente dos grandes estabelecimentos focados na produção de commodities de exportação, como soja e milho, essa modalidade responde por apenas 23% do valor de produção nacional.

Altafin (2007) também enfatiza que a trajetória histórica dos produtores de alimentos no Brasil está associada a cinco grupos distintos: índios, negros, mestiços, brancos não

herdeiros e imigrantes europeus. Apesar das características e histórias diversas desses grupos, todos compartilham a condição de subordinação dentro do modelo de desenvolvimento do país, ocupando, desde o início, uma posição secundária no processo de construção nacional.

A diferença da Agroindústria familiar e agricultura familiar

De acordo com Melo; Vieira (2012), a agricultura familiar é voltada para a produção de alimentos destinados ao mercado interno, utilizando, principalmente, recursos e mão de obra familiar. Em contraste, as agroindústrias familiares se apresentam como uma extensão dessa atividade, permitindo o processamento dos produtos agrícolas, agregando valor e criando novas oportunidades de comercialização. Segundo os autores, essas agroindústrias proporcionam aos pequenos produtores meios para diversificar suas atividades, aumentar sua renda e garantir a sustentabilidade de suas operações diante das mudanças e da competitividade do mercado.

A agroindústria é encarregada pelo planejamento das atividades que envolvem a transformação de matérias-primas oriundas de setores como a agricultura, pecuária, aquicultura e silvicultura. O grau de transformação difere de acordo com os objetivos de cada empresa agroindustrial em relação a essas matérias-primas. Assim sendo esta constitui um segmento da cadeia produtiva que alcança desde o fornecimento de insumos agrícolas até o consumidor final. (Istan et al., 2015).

Segundo Istan et al., (2015) às agriculturas familiares têm desempenhado importante papel no desenvolvimento do país e com grande importância socioeconômica, principalmente na geração de empregos no campo, distribuindo melhor renda e melhorando a qualidade de vida dos agricultores, diminuindo assim, a migração campo - cidade

Prezotto (2002) destaca que a agroindústria rural de pequeno porte emerge como uma alternativa para mitigar as consequências sociais negativas no meio rural. Nesse contexto, a pluriatividade, representada pela pequena agroindústria de caráter familiar, tem o potencial de gerar novos postos de trabalho e de renda, promovendo a reintegração social e econômica dos agricultores familiares.

O setor da agroindústria familiar é composto por pequenos produtores, tanto rurais como urbanos, que produzem itens de origem vegetal e animal, podendo ser orgânicos ou não, além de produtos de panificação e massas (Zaluski; Hedlund; Sausen, 2019).

A agricultura familiar é essencial para a economia brasileira, conforme revelado pelos Censos Agropecuários de 2006 e 2017 como a forma com o maior número de unidades

produtivas. Além de gerar empregos nas atividades agropecuárias e agroindustriais, tanto no campo quanto nas cidades, ela desempenha um papel crucial na segurança alimentar nacional, apoiando o consumo interno e as cadeias de produção de alimentos, que são fundamentais para a economia local e regional. (IBGE, 2014)

Istan et al. (2015) observa que o apoio governamental é essencial para garantir um ambiente institucional que leve em conta a realidade da agroindústria familiar, especialmente considerando as dificuldades de adaptação às normas sanitárias, fiscais e previdenciárias em diferentes regiões e culturas.

Prezotto (2002) destaca que a agroindústria rural de pequeno porte emerge como uma alternativa para mitigar as consequências sociais negativas no meio rural. Nesse contexto, a pluriatividade, representada pela pequena agroindústria de caráter familiar, tem o potencial de gerar novos postos de trabalho e de renda, promovendo a reintegração social e econômica dos agricultores familiares.

Pensando na dificuldade de conceituar formas de sustentabilidade na agroindústria se pensa em algo para abordar esse tema, pensando entre uma condição de equilíbrio entre os aspectos social, cultural, ambiental e econômico que visa a viabilidade e à longevidade pensando na cultura local e de recuperação e preservação ambiental (Prezotto, 2002).

O mesmo autor, afirma que o modelo de agroindustrialização descentralizado, embora importante, não resolve todos os problemas dos agricultores familiares. Ele deve ser integrado a um conjunto de ações que visem ao desenvolvimento sustentável local, com base na agricultura familiar e considerando os aspectos social, ambiental, cultural e econômico.

As feiras de Rua

De acordo com Carvalho; Grossi (2019), as feiras do produtor familiar são eventos que promovem a troca de conhecimentos, a formação de redes de contato e a comercialização de produtos agrícolas. Esses eventos têm como principal objetivo associar pequenos e médios produtores agropecuários, permitindo-lhes comercializar seus produtos de forma atrativa. Os produtos vendidos nas feiras incluem hortifrutigranjeiros, conservas, doces, produtos derivados do leite e da industrialização artesanal, além de artigos de artesanato, cultura e lazer.

As feiras proporcionam uma oportunidade de intercâmbio entre feirantes e visitantes, que compartilham experiências e conhecimentos. A maioria dos feirantes organiza barracas para a venda de produtos, que podem ser in natura, como hortaliças e legumes, ou

processados, como doces de frutas, geleias e queijos. Nesse contexto, as feiras funcionam como canais de distribuição que contribuem para a promoção e visibilidade dos produtos oferecidos, fortalecendo o vínculo entre produtores e consumidores (Carvalho; Grossi, 2019).

Também pode-se pôr em foco o quando as feiras são eficazes para o desenvolvimento da qualidade de vida para as famílias rurais e também aos consumidores que recebem alimentos saudáveis e diversificados e com segurança alimentar. Essa ação com as feiras ajuda como estratégia para o desenvolvimento rural que diferencia com a dinâmica da agricultura capitalista determinada pelo agronegócio, para isso conta além dos agricultores, entidades de apoio, com práticas sustentáveis e agroecológicas. O campo precisa se diferenciar e garantir práticas que promovam segurança alimentar e nutricional aos consumidores e melhor responsabilidade socioambiental (Peccine, et al., 2015).

Carvalho; Grossi (2019) também afirmam que pode-se concluir que a feira do produtor familiar funciona para os pequenos produtores de base familiar, ajuda na comercialização dos produtos com valor diferenciado, pois carregam valores culturais como tradições, ou modos de produção regionais tendo como demanda social sustentabilidade e comércio justo e traz vantagens econômicas sendo assim, os produtos não são somente valorizados apenas pela matéria prima, mas também pela identidade, função e o impacto social e econômico que carregam, levando em conta a escolha em consideração o indicador relacionado a fatores climáticos, sazonalidade do produto, preços dos produtos e regularidade da oferta.

De acordo com a visão de Silva (2016) o quanto se tem pessoas que trabalham em feiras por conta própria, que os deixa fora de programas como por exemplos: Orientar a transição do cultivo, de convencional para o orgânico, orientações e cursos para capacitar os feirantes e também a falta de conhecimento de como proceder com as normas de higiene sanitária para ofertar os produtos. Também não se tem um controle financeiro das vendas e geralmente as vendas desses produtos ofertados nas feiras são o principal meio econômico para sua sobrevivência.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi estruturada em duas etapas principais, combinando abordagens qualitativa e quantitativa, com o objetivo de investigar as feiras da agroindústria familiar no município de São Borja.

De acordo com Lakatos; Marconi (2003, p. 221) “a Metodologia é o tópico do projeto de pesquisa que abrange maior número de itens, pois responde às seguintes questões: Como? Com quê? Onde? Quanto?”. De acordo com Gil (2008), o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido e explorado.

A primeira etapa consistiu em uma pesquisa bibliográfica exploratória, cujo propósito foi fundamentar teoricamente o estudo e oferecer um panorama geral sobre as temáticas relacionadas. Para tanto, foram utilizados artigos e livros disponíveis nas bases de dados SCIELO, CAPES e Google Acadêmico. As palavras-chave empregadas na busca foram: *agricultura familiar*, *agroindústria*, *sustentabilidade na agricultura familiar* e *feiras livres*. Essa etapa permitiu identificar estudos prévios e conceitos relevantes para a compreensão do cenário das feiras de agroindústria familiar.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa de campo, que se dividiu em duas atividades principais: um mapeamento e entrevistas semiestruturadas. O mapeamento teve como objetivo identificar as feiras existentes em São Borja, levantando informações como sua localização, dias de funcionamento e fluxo de compras. Essa análise adotou uma abordagem quantitativa, voltada para a coleta de dados numéricos sobre a quantidade de feiras, frequência de funcionamento e número de feirantes presentes, proporcionando uma visão geral da estrutura e funcionamento dessas feiras.

As entrevistas foram realizadas com feirantes e representantes de órgãos públicos relacionados à agroindústria familiar e instituições de apoio utilizando um roteiro de perguntas previamente elaborado. O objetivo foi investigar se os produtos comercializados são de produção própria, identificar os principais produtos ofertados, conhecer o tempo de atuação dos feirantes, e compreender quais produtos são mais vendidos e as principais dificuldades enfrentadas para a comercialização. Além disso, as entrevistas buscaram avaliar o apoio oferecido pelos órgãos públicos, questionando se a assistência fornecida é suficiente para garantir visibilidade às feiras e explorar as principais barreiras enfrentadas para atrair um público maior e ampliar as vendas.

Em cada uma das feiras foi realizada uma entrevista com os feirantes, as perguntas foram formuladas com o objetivo de compreender melhor o funcionamento das feiras, as características dos produtos comercializados e as dificuldades enfrentadas pelos feirantes (Quadro 1). Para as lideranças das Entidades que promovem as Feiras de Agricultura Familiar foram realizadas perguntas, disponíveis no Quadro 2.

Quadro 1: Perguntas realizadas aos feirantes.

Há quanto tempo existe a feira neste local? Quais produtos você vende? Esses produtos são de sua própria produção ou de algum fornecedor? Eles são orgânicos?
Você recebe algum apoio de órgão público para auxiliar nas vendas ou no local onde comercializa os produtos?
Quais são os produtos mais vendidos? Por quê?
O que você acredita que ajudaria a dar mais visibilidade às feiras? Como é o fluxo de compradores dos produtos ofertados?

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Quadro 2: Perguntas realizadas às lideranças de entidades da cidade que promovem as feiras de agricultura familiar.

Qual é sua participação no apoio aos feirantes? Como você percebe a importância das feiras para a economia local e a sustentabilidade na agricultura familiar?
Há iniciativas para promover a organização coletiva ou o cooperativismo entre os feirantes?
Como você avalia a presença do poder público nas feiras? Há incentivos para promover a comercialização dos produtos? Se sim, você considera esses incentivos suficientes?
O que poderia ser feito para melhorar a visibilidade das feiras e o volume de vendas dos produtos comercializados?

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui serão apresentados os resultados obtidos por meio do mapeamento das feiras da agricultura familiar e também vendedores autônomos na cidade de São Borja e as discussões acerca dos dados coletados. Inicialmente, apresenta-se o mapeamento das feiras e ponto de venda de vendedores autônomos e a seguir descrevem-se as visitas realizadas aos feirantes e aos órgãos públicos relacionados, a Prefeitura, a Emater, e a ACISB, com o objetivo de compreender o funcionamento dessas feiras e vendedores autônomos, os produtos comercializados e o apoio institucional recebido. Em seguida, discute-se o cumprimento das normas legais e sanitárias por parte dos feirantes, os desafios enfrentados na comercialização e as limitações estruturais observadas. Por fim, analisam-se os impactos da concorrência com grandes mercados, as dificuldades de regulamentação e os obstáculos que comprometem a sustentabilidade dessas iniciativas.

O mapeamento foi realizado através de visitas às feiras e pontos de venda existentes que vendem produtos da agricultura familiar. Durante as visitas, foram entrevistados feirantes e também representantes de órgãos públicos como a Emater, ACISB e Prefeitura.

As feiras e os pontos de venda foram organizadas no trabalho de acordo com os bairros da cidade e descritas por letras alfabéticas. A cidade é dividida em 8 bairros: Centro, Vila Cabeleira, Bettim, Passo, Pirahy, Paraboi, Itacherê e Maria do Carmo. Foram identificadas somente feiras e ponto de vendas nos bairros do Centro, Passo, Cabeleira e Bettim, totalizando 3 feiras ativas e 6 pontos de venda na cidade, com o total de 32 feirantes distribuídos nesses bairros.

No bairro do Centro tem 1(uma) feira uma com 10 (dez) feirantes e o restante são 4 ponto de venda com feirantes autônomos com 1 (um) feirante por ponto de venda, no Passo tem 1 (ponto de venda) uma com 2 (dois) feirantes e uma (Feira) com 6 (seis) feirantes, na Cabeleira tem 1 (uma) feira com 8 (oito) feirantes e na Bettim tem 1 um ponto de venda com 2 (feirantes), totalizando 32 feirantes, sendo 24 pertencentes às feiras citadas e 8 fazem parte de ponto de vendas de vendedores autônomos também citados á cima.

O bairro do centro destaca-se por apresentar o maior número de feirantes devido à sua localização estratégica e ao elevado fluxo de pessoas, observa-se também que existe um número desigual entre os feirantes pois apenas 10 feirantes fazem parte de uma feira, sendo os outros ponto de venda com feirantes autônomos esta feira do centro, outra no passo e na cabeleira está dentro das normas legais conforme a Lei complementar nº 141 de 2022 art. nº 22, que dispõe sobre o Código de Posturas do Município de São Borja. Assim, por estarem legalizados, esses feirantes acabam criando uma espécie de cooperativa, enquanto os outros feirantes se estabelecem de forma informal e individual em pontos de venda

As entrevistas buscaram compreender o funcionamento das feiras e dos pontos de venda dos vendedores autônomos, os produtos comercializados, o tempo de existência e o apoio oferecido pelos órgãos públicos. Observou-se que, embora existam feirantes vendendo seus produtos em diversos pontos da cidade, nem todos estão de acordo com a Lei complementar nº 141 de 2022 art. nº 22, que regulamenta a realização de feiras para a comercialização de produtos de produção própria, como hortigranjeiros, produtos agroindustrializados, farináceos e mudas. Essas feiras devem ocorrer em locais e dias previamente estabelecidos pela administração municipal.

Durante a execução da pesquisa de campo, enfrentaram-se desafios significativos, especialmente relacionados ao acesso a documentos sobre a legalização das feiras e à dificuldade de agendamento de entrevistas com representantes de órgãos públicos. A alta

demanda dos profissionais entrevistados, aliada à burocracia nos processos de obtenção de documentos e à necessidade de seguir protocolos formais, resultou em atrasos e dificuldades na coleta de informações essenciais. Esses obstáculos evidenciaram a complexidade das relações institucionais e os entraves no acesso a dados fundamentais para a análise das feiras da agroindústria familiar.

A pesquisa também evidencia que nem todos os feirantes que participam das feiras fazem parte da agroindústria. Muitos deles atuam exclusivamente na agricultura familiar, comercializando produtos in natura, sem processamento industrial. Enquanto a agroindústria envolve a transformação de matérias-primas em produtos beneficiados, como geleias, sucos e conservas, a agricultura familiar se baseia, em grande parte, na venda direta de frutas, hortaliças e outros produtos frescos. Dessa forma, políticas públicas como o PRONAF, o PAA e o PNAE são fundamentais para apoiar tanto os pequenos agricultores quanto aqueles que buscam agregar valor aos seus produtos por meio da agroindustrialização, e também foram encontrados pontos de vendas com vendedores autônomo que vendem produtos da agricultura familiar porém não pertence a nenhuma feira .

Carvalho; Grossi (2019) destacam que o objetivo das feiras é associar pequenos e médios produtores agropecuários que desejam comercializar seus produtos de forma atrativa, incluindo hortifrutigranjeiros, conservas, doces, produtos derivados do leite e da industrialização artesanal, além de artigos oriundos do artesanato, cultura e lazer. Além disso, as feiras livres, como descrito pelos autores, são pontos de venda em locais públicos, definidos por órgãos responsáveis, onde os produtores instalam suas bancas para comercializar diretamente com o consumidor. A comercialização nas feiras agrega valor aos produtos, garantindo preços acessíveis e maior segurança nutricional aos consumidores.

O Quadro 3 apresenta as feiras e feirantes autônomos localizadas no centro da cidade, o número de feirantes, os produtos vendidos em cada uma delas e os dias de funcionamento, as feiras e os feirantes autônomos foram indicadas por letras alfabéticas de A a E

Quadro 3 : Produtos comercializados na feira do bairro Centro, da cidade de São Borja.

Identificação Feira/ponto de venda de feirantes autônomos/ Número Feirantes	Produtos vendidos	Dias de funcionamento

FEIRA (A)/ 10	Mel, Flores (suculentas), alface, rúcula, tempero verde, moranga, abóbora, mandioca, batata doce, repolho, cenoura, beterraba, rabanete, melão, banana, bergamota, laranja, abacate, canjica amendoim, leite integral (em garrafa pet), galinha crioula, pato, ovos, queijo, banha (em garrafa pet), rapadura, pé de moleque, conserva de pepino, rabanete, ovos de codorna, compotas de doce de abobora, figo, doce de leite, pães, cucas e bolacha caseira.	Quarta e sábado
PONTO DE VENDA DE FEIRANTE AUTÔNOMO(B/ 1	Cenoura, beterraba, batata doce, moranga, abóbora, mandioca, feijão.	Todos os dias
PONTO DE VENDA DE FEIRANTE AUTÔNOMO(C)/ 1	Cenoura, beterraba, batata doce, moranga, abóbora, mandioca, feijão, alface, rúcula, repolho, chuchu, banana, laranja, bergamota, abacate, tempero verde, rabanete, melado, rapadura, doce de leite, leite integral (em garrafa pet), ovos, banha (em garrafa pet), milho verde.	Todos os dias
PONTO DE VENDA DE FEIRANTE AUTÔNOMO (D)/ 1	Moranga, abóbora, mel, doce de leite, alface, rúcula, ovo, mandioca, leite integral (em garrafa pet), conserva de pepino e rabanete, alface, rúcula, tempero verde, mandioca, milho verde.	Todos os dias
PONTO DE VENDA FEIRANTE AUTÔNOMO (E) 1	Moranga, abóbora alface, tempero verde, ovos, leite, queijo, sabão da Argentina, mandolate.,	Todos os dias

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

O Quadro 4 apresenta as feiras e feirantes autônomos localizadas no bairro Passo da cidade, o número de feirantes, os produtos vendidos em cada um e os dias de funcionamento, a feira e os feirantes foram identificados por letras alfabéticas F e G

Quadro 4 : Produtos comercializados na feira e feirantes autônomos do bairro Passo, da cidade de São Borja.

Identificação Feira/ponto de venda de feirantes autônomos/ Número Feirantes	Produtos vendidos	Dias de funcionamento
FEIRA (F)6	alface, rúcula, tempero verde, rúcula beterraba, cenoura, batata doce, chuchu, mandioca, milho verde, abacate, laranja, bergamota, banana, queijo, torresmo, sabão caseiro,	Quarta- feira, sábado e domingo

	banha, pães e carne ovina, pastel, caldo de cana, pé de moleque, doce de leite, rapadura, cueca virada, cuca, panela, pano de prato, conserva de pepino, ovos, compotas de figo e abóbora.	
PONTO DE VENDA DE FEIRANTE AUTÔNOMO (G)2	pães, cucas, pastel assado, pastel frito, rapadura, pé de moleque, broas, conserva de pepino, compota de doce de abóbora, doce de leite e figo, pães, cucas, pastel assado, pastel frito, rapadura, pé de moleque, broas, conserva de pepino.	Sexta feira e Sábado.

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

O Quadro 5 apresenta a feira localizada no bairro cabeleireira da cidade, o número de feirantes, os produtos vendidos em cada uma delas e os dias de funcionamento, os feirantes foram identificados por letras alfabéticas H, nesta feira há 8 feirantes.

Quadro 5 : Produtos comercializados na feira do bairro Cabeleira, da cidade de São Borja.

Identificação Feira/ Número Feirantes	Produtos vendidos	Dia de funcionamento
FEIRA (H) / 8	Mel, queijo, requeijão, doce de leite, rapadura, pé de moleque, conserva de pepino, rabanete, compota de abóbora e figo, ovos, cuca, pães, bolacha caseira, amendoim, abóbora, moranga, alface. Suculentas.	1 vez ao mês

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

O Quadro 6, apresenta feirantes autônomos localizadas no bairro Bettin da cidade, o número de feirantes, os produtos vendidos em cada uma deles e os dias de funcionamento, os feirantes foram identificados por letras alfabéticas I, nesta feira há 2 feirantes.

Quadro 6: Produtos comercializados nos pontos de venda de feirantes autônomos do bairro Betim da cidade de São Borja.

Identificação Feira/ponto de venda de feirantes autônomos	Produtos vendidos	Dias de funcionamento
ponto de venda dos feirantes autônomos(I)2	Pães, cucas, pastel assado, pastel frito, rapadura, pé de moleque, broas, conserva de pepino, compota de doce de abóbora, doce de	terça-feira e quinta-feira

	leite e figo.	
--	---------------	--

Fonte: Elaborado pela Autora (2025).

Através de resultados obtidos nota-se que uma grande parcela de produtos ofertados pelos feirantes, como banha, e leite armazenados em garrafas pets, não atende às normas sanitárias vigentes e carecem do selo de qualidade, o que aponta a necessidade de maior fiscalização e apoio técnico aos produtores locais, revelou-se também que itens como banha, mandioca, leite, alface, são os mais vendidos e oferecidos ao longo do ano, devido à sua disponibilidade contínua, independente à sua sazonalidade. Os consumidores dão prioridade a produtos essenciais e de fácil acesso, enquanto os feirantes se adaptam à oferta de alimentos que requerem menos variabilidade climática para a sua produção, isso reforça a importância de implementação de políticas públicas que incentivem a diversidade da produção agrícola e promovam boas práticas na manipulação e comercialização dos alimentos, assegurando tanto a qualidade dos produtos quanto a saúde dos consumidores. Dando oportunidades aos agricultores familiares a se capacitar, visando aumentar a oferta dos produtos certificados e diversificados durante o ano.

Para Conterato e Strate (2019), o apoio de órgãos públicos valoriza a produção agroindustrial e incentiva a legalização dos estabelecimentos e produtos. Um dos principais avanços nesse sentido é a conquista do "Selo Gaúcho", que identifica os produtos da agricultura familiar do Rio Grande do Sul, garantindo que estejam em conformidade com as exigências fiscais, sanitárias e ambientais.

Além disso, observa-se uma oferta limitada de frutas nas feiras, como laranja, bergamota, abacate, maçã, que estão disponíveis apenas em períodos sazonais, refletindo a dependência da produção em locais climáticos, além dessas frutas também encontramos cucas e pães pastéis, compotas e conservas que servem como um complemento de renda para esse feirantes e é atrativo para os consumidores que visitam a feira buscam um lanche rápido, uma receita tradicional, produtos artesanais e caseiros com ingredientes daquele lugar.

Foi também realizada uma entrevista com os representantes dos órgãos públicos e lideranças de entidades que organizam algumas feiras, com o intuito de analisar as políticas públicas e as iniciativas de apoio ao setor.

Torres (2014) destaca que a produção de frutas ocupa um papel secundário na agricultura, o que se reflete na baixa diversidade de frutas ofertadas nas feiras. Para reverter essa situação, políticas públicas como o **PRONAF** (que oferece crédito para pequenos

produtores), o **PAA** e o **PNAE** (que garantem a compra de alimentos da agricultura familiar para escolas e programas sociais) incentivam o aumento do cultivo e a diversificação da produção frutícola. Além disso, programas estaduais, como o **Selo Sabor Gaúcho**, agregam valor aos produtos, facilitando sua comercialização. Essas iniciativas contribuem para ampliar a oferta de frutas, atrair mais consumidores, melhorar a renda dos agricultores e favorecer a permanência das famílias no meio rural.

Conforme os dados obtidos na entrevista, segundo o entrevistado representante da prefeitura, esse órgão fornece maquinário para o plantio e os feirantes apenas entram com o combustível e que também, dentre as feiras e pontos de vendas existentes, apenas a Feira do Tio Bijuja, o Mercado Público e a Feira da agroindústria Familiar da ACISB estão de acordo com a legislação que regulamenta a comercialização de produtos. Essas também são as feiras com maior número de feirantes pois o restante são pontos de vendas com um ou dois feirantes autônomos por ponto.

Contudo, por meio de visitas a essas feiras e entrevistas, foram encontrados alguns produtos que não seguem completamente às normas sanitárias para consumo, como produtos de origem animal (galinha caipira, mal armazenada, leite armazenado em garrafas pets), além disso, conservas de pepino, banha e mel sem o selo de qualidade, embora isso não ocorra em todos os casos. Como um exemplo de feira regulamentada, a feira da ACISB se destaca, pois todos os produtos possuem selo de inspeção de qualidade. Dessa forma, uma feirante que comercializa queijo já teve seus produtos premiados (O queijo Colonial Premium ganhou medalha de prata, no primeiro concurso de queijos artesanais do RS), devido ao reconhecimento de qualidade.

Carvalho; Grossi (2019) afirmam que essas feiras são fundamentais para a autonomia dos feirantes, valorizando seus produtos por meio da venda direta ao consumidor, sem atravessadores. Além disso, oferecem ao consumidor a segurança sobre a procedência dos alimentos e promovem práticas sustentáveis, desde o uso adequado do solo até a comercialização, assegurando renda contínua ao longo do ano.

Através do entrevistado representante da acisb pode se concluir o quanto uma boa infraestrutura para os feirantes e o apoio para regulamentação de seus produtos, a ajuda de como plantar, colher, transportar e armazenar corretamente agregam no valor do produto do feirante, porém o que não traz tanta visibilidade e ser mais distante das outras feiras e funcionar somente uma vez ao mês e não tem uma data específica, o que não chama mais agricultores para comercializar seus produtos nesta feira, dando preferência a outra mais central, porém bem mais precária.

Ainda nesse cenário, conforme entrevistas com os próprios feirantes, foi identificado

que nem todos eles seguem as normas estabelecidas pela legislação há feirantes que não cumprem as exigências sanitárias, principalmente no caso de produtos de origem animal. Segundo o representante da EMATER, poucos itens estão totalmente adequados às normas para comercialização, o que se agrava pela precariedade das condições dos espaços e da infraestrutura. Uma fiscalização mais rigorosa poderia inviabilizar a venda de muitos desses produtos. Os demais não seriam feiras e sim pontos de vendas, espalhados por vários bairros da cidade, têm um número bem menor de feirantes, autônomos geralmente um ou dois, e nenhum deles segue as normas legais de regulamentação para comercializar os produtos, mesmo estando em atividade há mais de 10 anos.

Conforme Silva (2016) as leis de regulamentação das feiras mudam de acordo com cada estado e município, e relata que em muitas feiras às exigências das normas não são cumpridas pelos feirantes, nesse sentido quando é feita fiscalização São encontrados produtos fora dessas normas, assim como horário de funcionamento e infraestrutura, por isso muitos feirantes também preferem vender seus produtos informalmente em ponto de vendas e não em feiras que os deixa livre dessas exigências, porém sem lei nenhuma para ampará-los.

Outro desafio enfrentado pelas feiras é a dificuldade de atrair um público maior. Isso ocorre devido à infraestrutura insuficiente, à pouca variedade de produtos ofertados e ao número reduzido de produtores presentes. Esse cenário favorece a concorrência com grandes mercados, que oferecem maior diversidade de produtos a preços mais baixos. Atualmente, essa concorrência desleal e as exigências burocráticas dificultam ainda mais a permanência dos pequenos agricultores no mercado. Muitos consumidores optam por produtos mais baratos, mesmo que de qualidade inferior, devido ao poder aquisitivo limitado. Além disso, os grandes mercados oferecem maior suporte na produção, reduzindo custos e ampliando a diversidade de produtos, enquanto os pequenos agricultores se destacam apenas pela qualidade de seus produtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se através dessa pesquisa que a região não possui uma cultura consolidada de frequentar feiras. Também é notável a baixa diversidade de frutas comercializadas, apenas as sazonais. Os agricultores consideram o investimento em frutas como, laranja, bergamota, banana arriscado, por ser um produto mais perecível deixando um alto risco de perda desde a produção até a comercialização e à incerteza de aceitação no mercado e à concorrência com grandes supermercados, que conseguem ofertar preços significativamente menores. Sendo oferecido e vendido em maior quantidade produtos de origem animal e derivados, hortifruti, produtos de panificação artesanal. Em relação aos apoios institucionais, embora exista algum suporte, como o oferecido pela EMATER Prefeitura e ACISB, voltado à agricultura familiar, com as feiras que estão em conformidade com a legislação. O apoio em algumas etapas, como o empréstimo de maquinários, ajuda a regularizar produtos e como melhor ofertá-los, os agricultores ainda enfrentam muitos desafios. A luta para atingir seus objetivos e manter a venda de seus produtos é constante. Apesar da orientação sobre como plantar e comercializar, os problemas encontrados nas feiras mapeadas são grandes principalmente na infraestrutura e na regularização de seus produtos dentro das normas sanitárias, o que deixa a escolha de muitos feirantes comercializarem seus produtos por conta própria apenas em pontos de venda.

Em muitos casos, a necessidade de investir para atender às normas gera receio, já que esses agricultores dependem completamente de seus produtos para a própria sobrevivência e a de suas famílias. Nesse contexto, a legislação autoriza que apenas feirantes cadastrados nesses locais específicos comercializem produtos que atendam às normas de cultivo, produção e comercialização.

REFERÊNCIAS

- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, p. 1-23, 2007. Disponível em: <https://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-alfin---2007.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.
- CARVALHO, Francislene de Fátima; GROSSI, Selma de Fátima. **A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar**. Interface Tecnológica, Taquaritinga, v. 16, n. 2, p. XX-XX, 2019. DOI: 10.31510/inf.v16i2.665. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/665/427>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- CALVI, F. **Tradicionalismo: relações entre cultura gaúcha e a cultura de descendentes de italianos em Encantado/RS**. 2015. Monografia (Graduação em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, jul. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/840>. Acesso em: 25 out. 2024.
- CONTERATO, M. A.; STRATE, M. F.. **Práticas de agroindustrialização e arranjos produtivos locais como estratégia de diversificar e fortalecer a agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6819991>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- DENARDI, R. A. **Agricultura familiar e políticas públicas**. Paraná: ADRS, 2000. Disponível em: https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agricultura_familiar_e_politicas_publicas.pdf. Acesso em: 27 out. 2024.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, F. D. **Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF/RS): análise da implementação a partir de um estudo de caso no município de São Luiz Gonzaga-RS**. 2018. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/rii/3736>. Acesso em: 20 out. 2024.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 11 anos, agricultura familiar perde 9,5% dos estabelecimentos e 2,2 milhões de postos de trabalho**. Agência de Notícias IBGE, 25 de out. 2019. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25786-em-11-anos-agricultura-familiar-perde-9-5-dos-estabelecimentos-e-2-2-milhoes-de-postos-d-e-trabalho>. Acesso em: 25 out. 2024.

ISTAN, Liamara Pasinato; OLIVEIRA, Tarcisio Dorn de; PANTZ, Jonas Bullé; TOLEDO, Victor. **Agroindústria familiar: uma estratégia de geração de renda**. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL, 20., 2015, Cruz Alta. **Anais [...]**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2015.

Disponível em:

<https://www.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2015/XX%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202015%20-%20ANAIIS/Graduacao/Graduacao%20-%20Trabalho%20Completo%20-%20Sociais%20e%20Humanidades/AGROINDUSTRIA%20FAMILIAR%20UMA%20ESTRATEGIA%20DE%20GERACAO%20DE%20RENDA.pdf>. Acesso em: 07 set. 2024.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, José S. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MELO, A.; VIEIRA, F. **Agricultura familiar competitiva: um diagnóstico estratégico da agroindústria de processamento de frutas e vegetais pertencente a cooperativa de agricultura familiar de Itapuranga–Goiás**. Enciclopédia Biosfera, v. 8, n. 15, 2012.

Disponível em:

<https://www.conhecer.org.br/enciclop/2012b/multidisciplinar/agricultura%20familiar.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

MIOR, L. C. **Agricultores familiares, agroindústrias e território: a dinâmica das redes de desenvolvimento rural no Oeste Catarinense**. 2004. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/87731/203189.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2024.

MIRANDA, S. P.; WEGNER, R. C.; DIAS, A. **Comercialização nas feiras da agricultura familiar: um estudo de caso sobre a estrutura desses canais**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 62, n. 4, p. e270700, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/resr/a/qpPgmC8Hqs3n4zWLB8LzPdG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PECCINI, M. D.; HARTMANN, L. C.; CHRISTOFOLLI, P. I. **O papel da agroindústria familiar no desenvolvimento rural: uma análise a partir de experiências no Rio Grande**

do Sul. Disponível em:

<http://www.j.jornadaquestaoagraria.ufpr.br/wp-co/envios/2016/04/Michel-Diego-Peccini-Luiz-Carlos-Hartmann-Pedro-Ivan-Christofolli.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PREZOTTO, L. L. **Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte.** Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 133-153, 2002.

SILVA, Andrea Da. **Sustentabilidade em empreendimentos de feiras livres.** 2016. Tese (Doutorado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 19 dez. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1590>.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **A agricultura familiar no Brasil.** Serie Documentos de Trabalho, n. 145, 2013. Disponível em: https://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1434745041145AgriculturaFamiliarBrasilShneiderCassol_editado.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

TORRES, O. A. **Fruticultura na região Noroeste do Rio Grande do Sul.** Colóquio: Revista de Ciências Humanas e Sociais, Taquara, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/32>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ZALUSKI, F. C.; HEDLUND, P. R.; SAUSEN, J. O. **O diagnóstico organizacional como estratégia de aperfeiçoamento da gestão: um estudo em uma agroindústria familiar rural.** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/viewFile/4631/pdf_861. Acesso em: 29 out. 2024.